

NOTAS SOBRE O LÓCUS IDENTITÁRIO DA MEMÓRIA BATISTA

Elcio Sant'Anna¹

Resumo: O presente ensaio busca a identidade dos batistas a partir da sociologia da memória de Maurice Halbwachs, o que tem se mostrado pertinente em razão do trânsito e da transmissão religiosos das igrejas históricas. A partir da idéia da insuficiência do testemunho individual, Halbwachs lançou as bases para uma memória coletiva. Assim pode-se entender que a memória coletiva é patrimônio de um grupo. É por isto que memória e identidade teriam profundas conexões. Assim a memória passaria a ser um poderoso mecanismo de identidade. Um grupo que não tem memória, não poder firmar sua identidade e por isto está fadado a se perder. Com isto cabe aqui considerar a memória coletiva como mecanismo de identidade dos grupos e sociedades religiosas. A memória dos lugares sagrados produziria a renovação ou intensificação da fé. A hierópolis evocam lembranças religiosas. Pois a memória religiosa é feita de uma tradição que depende de eventos e lugares determinados. A memória batista poderia se munir desta perspectiva dos espaços construtores de identidade religiosa.

Palavras-Chave: Memória, espaço, identidade, religião

Résumé: Cet essai cherche l'identité de baptistes de la sociologie de la mémoire Maurice Halbwachs, qui a été montré pour être pertinent en raison de le trafic et la transmission religieuse des églises historiques. De l'idée de l'échec du témoignage individuel, Halbwachs a jeté les bases d'une mémoire collective. Alors on peut comprendre que la mémoire collective est le patrimoine d'un groupe. C'est pourquoi la mémoire et l'identité ont des liens profonds. Ainsi, la mémoire serait un puissant mécanisme de l'identité. Un groupe qui n'a pas de mémoire, ne peut établir son identité et cela est lié à perdre. Avec ce lieu de la considérer la mémoire collective comme un mécanisme pour l'identité du groupe et les sociétés religieuses. La mémoire des lieux saints produirait le renouvellement ou l'intensification de la foi. Le hieropolis évoquer des souvenirs

¹ Graduado em Teologia pela CES/JF e Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor da Faculdade Teológica Batista Equatorial. Membro do grupo de Pesquisa de Cultura e Religião da Universidade Estadual do Pará.

religieuses. Parce que la mémoire religieuse est faite d'une tradition qui dépend de certains événements et des lieux. La mémoire Baptiste devrait se doter dans cette perspective pour la construction de l'identité religieuse.

Mots-clés: mémoire, espace, identité, religion.

O presente ensaio tem como motor a tentativa discutir o lócus identitário dos batistas a partir de elementos em relevos da Sociologia da Memória de Maurice Halbwachs. A discussão sobre o local da produção de identidade religiosa nestes tempos tem se mostrado cada vez mais pertinente dentro da perspectiva tão evidente de trânsito e transmissão religiosos por que têm passados os grupos religiosos históricos.

Quando se busca pensar as questões de transmissão e trânsito religiosos, começa-se a verificar as grandes lacunas acometidas no discipulado, na catequese e no doutrinamento dos grupos históricos. A escalada de polarização ocorrida entre os movimentos de implantação de novas igrejas e os processos de consolidação das comunidades de fé nas últimas décadas provocou um desgaste no tecido das denominações, de modo que se poder verificar com certa nitidez os episódios catalisadores da crise institucional porque têm passado igrejas.

Foi assim que se começou se tratar a questão do trânsito e transmissão religiosa no âmbito das identidades. Este é um elemento tão contemporâneo que é contemplado dentro do plano de meta do *Planejamento Estratégico da Convenção Batista Carioca* vigente até 2018 quando diz:

- Construir uma grande rede de lideranças batistas, em toda a cidade, objetivando o desenvolvimento de líderes para a igreja e para a sociedade, além de ganhos de comunicação, de coesão, de fortalecimento da nossa identidade e de mobilização.
- Reconstruir o sistema batista carioca de educação religiosa, a partir de claras definições sobre seu lugar na missão da igreja, seus fundamentos e seus propósitos, e do



reconhecimento do seu papel insubstituível na formação da unidade e da identidade batistas, em estreita sintonia com o sistema CBB.²

O aspecto da construção da identidade batista é tão relevante que também tem sido alvo pesquisa acadêmica dentro de centros importantes do saber teológico no Brasil. É caso de um documento produzido pela Profª Mary Rute Gomes Esperandio, tratando sobre “A identidade batista e o “espírito” da Modernidade” que faz afirmações interessantes. O seu objetivo é :

“Salientar os elementos mais relevantes na composição da identidade batista, contribuindo, dessa forma, com o trabalho de colocar em evidência a diversidade presente no protestantismo brasileiro.”³

A profª Mary Rute Esperandio informa seus leitores que seus apontamentos se baseiam nos estudos de Max Werber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*.⁴ Em um momento específico do seu trabalho propõe a equalização entre a construção da identidade e “uma poderosa tendência para a uniformização do estilo de vida”.⁵ Em outra oportunidade fala a seus leitores e leitoras:

A comunidade serve como doadora de uma identidade, produtora de um modo singular de ser e pensar. Simultânea e paradoxalmente, a produção de uma identidade permite aos seus integrantes um sentimento de vínculo social, de relações de fraternidade, de potencialidade para a auto-organização e sentido existencial.⁶

A profª Mary Rute Gomes Esperandio, todavia, mostra-se ciente do paradoxo da identidade batista a luz dos apontamentos de Weber, quando afirma que o sentimento de vínculo social a partir deste processo, não tem sido suficiente para a “construção conjunta de uma realidade social”.⁷ Parece que a identidade fornecida pela experiência comunitária batista tem se configurado dentro da dimensão individual aliás uma das marcas história dos batistas.

² Plano Estratégico da Convenção Batista Carioca. Disponível em: http://www.batistacarioca.com.br/?secao=12061&categoria=11848&id_noticia=41468 acessado em 21/05/2007.

³ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. A identidade batista e o “espírito” da Modernidade. In: http://www.est.com.br/nepp/numero_06/identidade.htm acessado em 21/05/2007. Trata-se de um capítulo da Dissertação de Mestrado: *A produção da (in)visibilidade da pessoa portadora de deficiência mental - cartografia de uma Comunidade Batista*, defendida em fevereiro de 2001.

⁴ WERBER, Max.

⁵ ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. Ibid.

⁶ Id. Ibid.

⁷ Id. Ibid.



Também é verdade que importantes teólogos da denominação tem versa sobre o tema preocupados em buscar responder o anseio das comunidades locais. O pastor Isaltino Gomes Coelho Filho proferiu a palestra “*Sou Batista, tenho identidade*” na Igreja Batista de Cambuí, quando afirmou inicialmente que o conceito de identidade batista é difuso⁸ para depois elencar oito parâmetros da tradição batista para a manutenção da identidade denominacional:

A autoridade da Escrituras, a liberdade de opinião, o batismo consciente de crentes, a segurança eterna dos salvos, batismo e ceia como ordenanças e não sacramentos, o sacerdócio universal de todos os crentes, a autonomia local com governo congregacional, a separação entre Igreja e Estado.⁹

O Pr. Isaltino desta maneira, fala da importância das marcas históricas importantes da origem batista para fazer produzir um sentimento batista, consciente sua presença no mundo. Para ele, os princípios batistas formam a identidade do povo batista.¹⁰ Todavia, se a tradições são fortes para fazer legar o sentimento e consciência batista porque ainda sofremos episódios e transito e má transmissão religiosa.

É no afã de lidar com esta questão que queremos verificar outras possibilidades da discussão. Dessa feita queremos sugerir o caminho da Sociologia da Memória religiosa conforme entabulada por Maurice Halbwachs.

Maurice Halbwachs foi intelectual de origem protestante, filho de família franco-germânica, nascido em 1877 na região da Alsácia. Foi correspondente da Academia de Ciências Morais e Políticas e membro do Instituto Internacional de Estatísticas. Também ocupou a presidência do Instituto Francês de Sociologia, também a cadeira de Psicologia Social no *Collège de France*.¹¹ Lecionou na faculdade de Caen e na faculdade de Estrasburgo.¹² em 1910 e 1935. Em 1930 ministrou um curso na Universidade de Chicago. Em 1945 Halbwachs foi deportado para o campo de concentração de Buchenwald onde foi

⁸ COELHO Fº, Isaltino Gomes. *Sou Batista, tenho identidade*. Em: http://72.14.209.104/search?q=cache:-C0kP5jqaawJ:www.ibcambui.org.br/ibc/index2.php%3Foption%3Dcom_content%26do_pdf%3D1%26id%3D46+identidade+batista+%2B+CBB&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=10&gl=Br . Palestra proferida em 27/04/2001 e acessado em 21/05/2007.

⁹ Id. Ibid

¹⁰ Id. Ibid.

¹¹ ALEXANDRE, J-M. Introdução. Em: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004. p..19-20. nota. 11.

¹² BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Religião e tradição a partir da sociologia da memória de Maurice Halbwachs. Em: VVAA. *NUMEN*. Juiz de Fora: EdUFJF, V. 3. – nº1 – Jan/jun – 2000. p. 72.



assassinado.¹³ Entre outras, produziu três obras de muita importância para a temática em questão: 1) *La topographie des evangiles em terre saine* [A topografia lendária dos Evangelhos na Terra Santa] (1914); 2) *Les cadre Sociaux de lê mémoire* [Os quadros sociais da memória](1925);¹⁴ e 3) *La mémoire Collective* [A memória coletiva] (1925).¹⁵

É justamente a partir da compreensão da memória como mecanismo de construção de identidade que desejamos pensar a identidade batista. Mas não as concepções de memória estudadas por psicólogos e historiadores. Mas aquela estudada por sociólogos da memória, entre eles: Maurice Halbwachs, Denièle Hervier-Léger, Myrian Sepúlveda dos Santos e Dario Paulo Barreira Rivera.

Maurice Halbwachs assim, sendo um teórico da memória coletiva, tem muito a nos ajudar a entender como se processa a construção de identidade religiosa. Um dos grandes méritos de Halbwachs foi ter escrito sobre memória coletiva quando esta era compreendida somente em termos individuais.¹⁶ Maurice Halbwachs estabeleceu os princípios fundamentais de uma teoria da memória social que foi desenvolvida empírica e teoricamente em obras posteriores.¹⁷ Contrariando um verdadeiro dogma de até então, Maurice Halbwachs em **Memória coletiva** afirmou que: “... para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, (...) isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessários”.¹⁸

Para Maurice Halbwachs as testemunhas individuais não são suficientes para reconstruir a memória.¹⁹ Com isto, estava evocando o contorno social para que se possa acessar a memória.²⁰ Quando indivíduos se separam do grupo com quem tinha relação, diz

¹³ BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Op. Cit. p.71.

¹⁴ ALEXANDRE, J-M. Op.Cit. p.23.

¹⁵ BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Op. Cit. p.79.

¹⁶ SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. Em: *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*. São Paulo. vol. 13 n. 38. Oct- 1998. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300010&script=sci_arttext. Acessado em 05/08/2006. p. 4.

¹⁷ MOTTA, Márcia Maria Menendes. História e Memórias. Em: MATTOS, Marcelo (org.). *HISTÓRIA – PENSAR E FAZER*. Niterói: 2DH – UFF, 1997. p.79. E WIT, Hans. Caminho dum dia (Jonas 3,4) Jonas e memória social dos pequenos. Em: VVAA. *Profecia e esperança: um tributo a Milton Schwantes*. DREHER, Carlos A. DREHER et al (Orgs.). São Leopoldo: Oikos, 2006. p.289.

¹⁸ HALBWACHS, Maurice. Op. Cit. 31.

¹⁹ Id. Ibid. Loc. Cit.

²⁰ BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Op. Cit. p.75.

Halbwachs: “todo o conjunto de lembranças que temos em comum com eles brusticamente desapareceram”.²¹

A memória é coletiva, depende de estar dentro do contexto dos grupos. Assim Halbwachs lança as bases para que não se deva pensar a memória em termos individuais. Para que haja a reconstrução das lembranças é “necessário que se realize a partir de dados e noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros”.²²

Segundo Halbwachs, a arquitetura da memória de um grupo que organiza as lembranças dos acontecimentos e das experiências comuns à maior parte dos grupos se destacam em primeiro plano. Assim aquelas que pertencem a um pequeno número de pessoas do grupo ficam em segundo plano.²³ As lembranças de um número menor de pessoas dentro de um grupo ou mesmo de indivíduos não têm precedência, de modo a se tornarem elementos fundamentais para reconstrução da memória.

A arquitetura da memória coletiva de Maurice Halbwachs não desconsidera a memória individual. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”.²⁴ Esta oscila conforme o status da pessoa no grupo social. A memória individual no bojo da memória coletiva, ganha relevância e profundidade. A memória coletiva forma uma plataforma sobre a qual a memória individual se desliza. A memória coletiva catalisa o potencial das lembranças existentes dentro do grupo. As lembranças de cunho individual são aglutinadas, passando a fazer parte de uma outra esfera de compreensão.

O ato de reconstituição da memória terá que fazer do conjunto de lembranças tomadas por empréstimo algo totalmente novo e único, que agora não será mais exclusividade de ninguém. Assim se estaria diante de uma memória cultural.²⁵ Com isto, sabe-se agora que a memória sempre surge dentro de um contexto social.²⁶ Uma compreensão óbvia da afirmação posta, é que a memória coletiva é patrimônio de um grupo. Deste modo, “a memória é fonte de identidade grupal (...) a memória está à serviço da coesão, da continuidade, fortalecendo os vínculos entre seus membros”.²⁷ A memória

21 HALBWACHS, Maurice. Op. Cit. 37.

22 Id. Ibid. p.39.

23 Id. Ibid. p.49-50.

24 Id. Ibid. p.55.

25 Id. Ibid. p.59.

26 WIT, Hans. Loc. Cit.

27 Id. Ibid. p.290.



pensada assim, acaba por fazer crer que o grupo pode “perpetuar os sentimentos e as imagens que formam a substância de seu próprio pensamento”.²⁸

É por isto que Maurice Halbwachs acredita que memória e identidade têm profundas conexões. A memória é uma condição de identidade dos grupos e das pessoas.²⁹ Um grupo sem memória não firma a sua identidade e por isto está fadado a se perder. Uma sociedade sem memória perde a identidade e torna-se incapaz de encarar o futuro.³⁰ A memória leva o grupo a se situar dentro do jogo das mudanças e permanências.

A permanência ocupa maior espaço na memória.³¹ A memória coletiva leva o grupo a ter uma visão interna, abrindo mão da visão de conjunto tão peculiar a quem observa as grandes transformações.³² Se pelo viés histórico se acredita que a sociedade muda sem cessar, pela visão da memória coletiva dentro de um período de curta duração, uma micro-história, acredita-se que o grupo permanece. Com isto, tende a eufemisar a importância das mudanças ocorridas no seio do grupo.³³ A este eufemismo, Halbwachs chama de “ilusão da permanência”, que é uma crença de que “as analogias sobrepujam as diferenças.”³⁴

A ilusão da permanência é uma percepção específica das mudanças no contexto da teoria da memória coletiva de Halbwachs, pode se referir ao que Márcia Maria M. Motta chama de esquecimento, formalmente enunciada como “amnésia social”, inerente ao próprio ato da construção da identidade.³⁵

O processo de construção de memórias implica em escolhas entre fatos do passado que - por uma razão ou outra - determinado grupo considera que devam ser lembrados/rememorados. Ao fazer escolhas, o grupo também esquece e faz esquecer outros acontecimentos.

É verdade, sem esquecimento, a memória humana é impossível. Mas quando falamos de grupos sociais, devemos estar cientes de que existem “projetos de

28 HALBWACHS, Maurice. Op. Cit. p.92.

29 CÂMARA, Uipirangi F S e SOUZA, Edilson S. Para uma compreensão no protestantismo brasileiro em sua expressão contemporânea. Disponível em: <http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewPDFInterstitial/7862/5543>. Acessado em 25/05/2007. p.5

30 Id Ibid.

31 HALBWACHS, Maurice. Loc. Cit.

32 Id. Ibid.

33 Id. Ibid. p.92-93.

34 Id. Ibid. p.93.

35 MOTTA, Márcia Maria Menendes. Op. Cit. p.79.



esquecimentos”, coisas e fatos que não devem ser lembrados, sob pena de ameaçar a unidade do grupo, questionada sua identidade fragilizando e/ou colocando em questão o interesse comum.³⁶

Assim se pelo lado de Halbwachs as mudanças são tratadas como aparentes, uma ilusão de permanência, pelo lado de Márcia Maria M. Motta as mudanças podem ser fruto do próprio processo de construção de identidade, quando o ato de lembrar confunde-se com o de esquecer. Trata-se de um ato político, ideológico, ato de decidir o que deverá ser lembrado. Portanto, Halbwachs ainda que consciente dos processos envolvidos aqui,³⁷ não fala de memória e identidade como “valores disputados em conflitos sociais.”³⁸

A discussão sobre a identidade e memória tem com fundo a ser considerado como debate sobre a mudança e a permanência. Esta é uma questão importante para a teoria da memória social de Halbwachs. O tempo é um elemento de “forte constrangimento”.³⁹ O ser humano não sabe como lidar com ele. Ora o tempo é tido como sendo muito curto, ora como relativamente longo, o que é absolutamente desproposital, porque o tempo ou obedece aos ritmos da natureza e dos organismos, ou obedece às imposições das conversões e dos costumes.⁴⁰ Assim um componente importante da noção de tempo acontece dentro da vida social. É o que Halbwachs chama de “representação coletiva do tempo”.⁴¹ Com isto pode se entender que o tempo obedece a uma divisão social peculiar.⁴² Esta multiplicidade é o que fundamenta a sua convicção de que o “tempo é social”.⁴³

Maurice Halbwachs fala do tempo dentro de diversas percepções. menciona uma memória histórica que enfatiza as diferenças e as mudanças de diversos estágios de mudanças parciais e a memória coletiva que apresenta um movimento mínimo.⁴⁴ A sociedade passa a viver dois tempos pronunciados: trata-se de elementos da mudança, da permanência e continuidade.

36 Id. Ibid. p.80.

37 Ver nota 80.

38 POLLACK, Michael. Memória e identidade social. Em: *REVISTA ESTUDOS HISTÓRICOS*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Vol 15. nº. 10, 1992. p. 201.

39 HALBWACHS, Maurice. Op. Cit. p.95.

40 Id.Ibid.

41 DURKHEIM *apub* Id. Ibid.

42 HALBWACHS, Maurice. Op. Cit. p. 95-97.

43 BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Op. Cit. p.77.

44 Id. Ibid. p.113-114.

Assim a memória coletiva gera permanência. Os acontecimentos e as experiências se dão dentro da sociedade, mas não geram transformações de modo a afetar a identidade do grupo, desde que estes sejam capazes de acessar a sua identidade através de sua memória. Cabe aqui, ainda considerar as implicações da memória coletiva como mecanismo de identidade dentro dos grupos e sociedades religiosas.

Halbwachs afirma que o ser humano tem necessidade de manutenção e companhia.⁴⁵ Chega até a assegurar que a “estabilidade do alojamento e seus aspectos interiores impõem ao próprio grupo a imagem apaziguante de sua continuidade”.⁴⁶ Este é um esforço da parte de Halbwachs em considerar a importância das representações espaciais para a memória coletiva.⁴⁷

Mesmo quando o grupo tende a mudar com a dinâmica da vida social, a memória cultural fruto das representações espaciais tendem a ser mais permanentes. A memória localizada tende a ser um foco de resistências às forças transformadoras em geral. Sabe-se que uma questão de fundo para a entender a relação entre os grupos os seus espaços são relações sociais fundadas ali. Com isto, Maurice Halbwachs está dizendo que não são todos os grupos que têm esta relação com as suas respectivas representações espaciais. Muitos grupos tendem a esfacelar-se, ou como poderia ser dito, tendem a se esquecerem de seus locais de origem, tornam-se desterrados.⁴⁸

A teoria de memória coletiva espacial de Maurice Halbwachs é afeta aos seguintes grupos: jurídicos, econômicos e religiosos.⁴⁹ É assim que se inauguram os estudos sobre a memória religiosa.⁵⁰ Halbwachs diz que as religiões são solidamente fixadas em seu solo. As religiões precisam estar enraizadas porque produzem, conduzem e distribuem idéias e imagens. Elas precisam de lugares sagrados para isto.⁵¹

Dario Paulo Barrera Rivera diz que os lugares em que acontecem as peregrinações “adquirem caráter sobrenatural pois é com os olhos da fé que se apreende esses lugares e

45 Id. Ibid. p.137

46 Id. Ibid. p. 139.

47 Id. Ibid.

48 Id.Ibid. p.145.

49 Id. Ibid. p.145-166.

⁵⁰ CÂMARA, Uipirangi F S e SOUZA, Edilson S. Op. Cit.. p.4

51 HALBWACHS, Maurice. Op. Cit. p.149.



com alguma esperança de renovação ou intensificação da fé...”⁵² Dario Paulo Barrera Rivera como um estudioso do pensamento de Maurice Halbwachs, afirma que em “*La topographie des evangiles em terre saine*”[A topografia lendária dos Evangelhos na Terra Santa] o autor faz um estudo da Terra Santa e sentido para os fiéis cristãos de todo mundo. O material analisado por Halbwachs são relatos de peregrinos cristãos em viagem à Terra Santa desde o IV século dC.⁵³ Os lugares sagrados são de suma importância para as religiões.

Se é certo que a identidade é construída a partir de um tipo específico de temporalidade, também é certo que a espacialidade tem conexão profunda com a construção da identidade. Os grupos e as sociedades religiosas usam as representações como mecanismo de identidade. Assim é que as hierópolis evocam lembranças religiosas.⁵⁴

Maurice Halbwachs declara que os lugares santos são instrumentos de lembranças de um grupo religioso. O problema é que a cada dia mais atividades da vida social vêm se desvinculando da dominação religiosa.⁵⁵ O mundo desencantado também vem gerando redução dos lugares santos, com isto a identidade religiosa é ameaçada.⁵⁶

Mas a ânsia de permanecer, o desejo de não mudar, torna-se urgência para os grupos religiosos. Se as diversas instituições sofrem com as mudanças, o mesmo não pode acontecer com as instituições religiosas. A religião não pode admitir que houve mudanças. Assim, para elas os lugares ganham ainda mais importância.⁵⁷ A vida coletiva é o cerne da igreja. A sua identidade precisa sempre manter-se firme. Não é à toa que todo o sistema de crença da religião precisa de alicerce.⁵⁸ Nesta mesma linha Ana Helena Gil e Silvio Gil Filho dizem:

Ao destacarmos a identidade religiosa, também estamos diante de uma construção que remete a materialidade histórica, à *memória coletiva*, à capacidade da própria revelação religiosa processada sob determinada cultura.⁵⁹ (itálico meu)

52 BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Loc. Cit.

53 HALBWACH apud Id. Ibid p. 83-84.

54 HALBWACH, Maurice Op. Cit. p. 149.

55 Id. Ibid. p.161-162.

56 Id. Ibid. p.162.

57 Id. Ibid. p.163.

58 Id. Ibid. p.164.

59 Gil, Helena Corrêa & Gil Filho, Silvio Fausto. Loc. Cit.



Ana Helena Gil e Silvio Gil Filho falam de que a identidade religiosa tem relações guardadas com a materialidade histórica, com a própria capacidade de produzir revelações religiosas. Ressaltam ainda que a identidade religiosa tem íntima relação com a memória coletiva. Não se pode separar a revelação da Torah da manifestação do Sinai.

Maurice Halbwachs diz que a memória religiosa é feita de uma tradição que depende dos acontecimentos e se remonta a lugares determinados. Os lugares que estão presentes na tradição, na biografia e nos discursos são mais facilmente evocados como meio de fazer lembrar. A sociedade religiosa precisa destes lugares porque quer persuadir o mundo que não mudou. Os grupos religiosos fazem uso de sua memória religiosa fundada nos lugares santos, como mecanismo identitário, com a intenção de manter a ilusão de que não houve movimento cultural, por isto mesmo, a mudança histórica não lhe foi fundamental. Os fundamentos das instituições religiosas são inamovíveis. A religião permanece, mesmo quando muda.

Maurice Halbwachs hoje é de uma extrema relevância quando se está preocupado com a reprodução e os mecanismos de identidade. Uma teoria da memória coletiva e da memória religiosa, e porque não dizer das memórias religiosas, é de enorme necessidade numa sociedade complexa na qual se temos vivido. Todavia, tal instrumento não deve ser utilizado apenas para tratar do passado recente, ou como de forma inovadora para falar do futuro das religiões.⁶⁰ Há um fundo a ser descortinado pelas igrejas batistas como um todo. Todavia cumpre saber como se dará a configuração de movimento dos batistas naqueles tempos.

À luz sociologia da memória muito ainda precisa se fazer em termos de construção da identidade batista. Sabemos hoje que talvez não tenhamos localizado corretamente os nossos processos identitários. Das diversas instâncias do campo religioso poderiam servir de mecanismo de memória: a) a experiência, b) os símbolos c) os ritos, d) os mitos e e) as doutrinas. Talvez tenhamos optado por aspecto não muito eficiente do fenômeno religioso

Temos historicamente optado por fazer uma conexão entre a nossa identidade batista e o uso dos nossos documentos. Na verdade cremos mesmo em uma certa relação de continuidade entre documento e identidade. Entretanto poríamos verificar as razões que nos tem levado considerar os sistemas como mecanismo de identidade.

60 BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Op. Cit. p. 91.

Devemos estar atentos para o fato de que disponibilizar o conjunto de documentos denominacionais é obviamente importante para a identidade religiosa. No entanto é apenas a borda da questão. O enfrentamento do problema da perda de identidade pela frágil fixação da memória batista tem que ser investigada mais ao centro.

Não atoa que queremos chamar nossos documentos denominacionais de fundamentos, alicerces. Carecemos de espacialidades. Não temos lugares Santos. Este é uma das tragédias do protestantismo brasileiro. Não herdamos lugares santos. O máximo que temos são lugares simbólicos. Assim tentamos lidar com a crise de plausibilidade⁶¹ da identidade batista com documento nas mãos, talvez nos seja pouco. Precisamos perceber que quando falamos de documentos denominacionais como sendo fundamentos ou alicerces estamos fazendo uso de metáforas. Assim queremos a partir dos documentos denominacionais conferir espacialidade a experiência batista. Queremos estabilizar a identidade do nosso povo. Desejamos edificar os crentes.

Exatamente como passageiros do *Mayflower* fizeram ao carregar a *Declaração de Westminster* como fundamentos de sua fé. Eles estavam preservando a suas origens. Mas os antigos viajantes do Oriente. Não faziam assim. Eles levavam um punhado de terra, para simbolizar suas origens. Segundo Halbwachs, quando re-significamos nossos documentos, simbolizando-os com metáforas de espacialidade estamos tentando reconstruir memória e elaborando identidade religiosa.

Quando enfatizamos os princípios e declarações com os elementos para a coesão e a coerência denominacional, estamos deixando de lado consistentemente os grupos, as coletividades como local identitário dos batistas. Nossas doutrinas são sistemas de crenças desencarnadas que não recebe o reforço da vivência cotidiana dos crentes batistas.

Hoje os grupos pós-tradicionais⁶², aqueles que são beneficiados pelos nossos problemas de trânsitos e transmissões religiosos, tem resolvido problemas de identidade religiosa estabelecendo fortes mecanismos de memória, fortalecendo a experiência

⁶¹ BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. *Construção Social da Realidade*. Tratado de sociologia do conhecimento. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985. p.128-142.

⁶² PIERUCCI, Antônio Flávio "Bye bye, Brasil" - o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *ESTUDOS AVANÇADOS*. vol.18 no.52 São Paulo Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a03v1852.pdf>. Acessado 25/05/2007. p.3

comunitária, através de atualização de vivências. Eles estão presentes na mídia. Dominam fatias de mercado de CD e de DVD. Estes grupos religiosos têm sido eficientes em propor uma manutenção nos cotidianos de fieis.

Creemos que hoje devemos fazer convergir mídias, vida privada, documentos históricos, iniciativas de impacto na sociedade para fazer não somente alcançar nos crentes batistas mas também para resgatar a memória e identidade batista. E assim, ocupar o locus identitário da memória batista

Referências

ALEXANDRE, J-M. Introdução. Em: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

BARRERA RIVERA, Dario Paulo. Religião e tradição a partir da sociologia da memória de Maurice Halbwachs. Em: VVAA. *NUMEN*. Juiz de Fora: EdUFJF, V. 3. – nº1 – Jan/jun – 2000.

BARREIRA, Paulo Rivera. *Tradição, Transmissão e emoção religiosa – sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina*. São Paulo: Olho D'Água, 2001.

BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. *Construção Social da Realidade*. Tratado de sociologia do conhecimento. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

CÂMARA, Uipirangi F S e SOUZA, Edilson S. Para uma compreensão no protestantismo brasileiro em sua expressão contemporânea. Disponível em: <http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/viewPDFInterstitial/7862/5543>. Acessado em 25/05/2007.

CÂMARA, U. F. da S.; SOUZA, E. S. de. Para uma compreensão do sagrado no protestantismo brasileiro em sua expressão contemporânea. *HISTÓRIA: Questões & Debates*, Curitiba, n. 43, p. 55-71, 2005. Editora UFPR.

COELHO Fº, Isaltino Gomes. Sou Batista, tenho identidade. Em: http://72.14.209.104/search?q=cache:C0kP5jqaawJ:www.ibcambui.org.br/ibc/index2.php%3Foption%3Dcom_content%26do_pdf%3D1%26id%3D46+identidade+batista+%2B+CBB&hl=ptBR&ct=clnk&cd=10&gl=Br Palestra proferida em 27/04/2001 e acessado em 21/05/2007.



ESPERANDIO, Mary Rute Gomes. A identidade batista e o "espírito" da Modernidade. In: http://www.est.com.br/nepp/numero_06/identidade.htm acessado em 21/05/2007. Trata-se de um capítulo da Dissertação de Mestrado: *A produção da (in)visibilidade da pessoa portadora de deficiência mental - cartografia de uma Comunidade Batista*, defendida em fevereiro de 2001.

GIL, Helena Corrêa & GIL Filho, Silvio Fausto. Loc. Cit.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História e Memórias. Em: MATTOS, Marcelo (org.). *HISTÓRIA – PENSAR E FAZER*. Niterói: 2DH – UFF, 1997.

PIERUCCI, Antônio Flávio "Bye bye, Brasil" - o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. *ESTUDOS AVANÇADOS*. vol.18 no.52 São Paulo Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a03v1852.pdf>. Acessado 25/05/2007

Plano Estratégico da Convenção Batista Carioca. Disponível em: http://www.batistacarioca.com.br/?secao=12061&categoria=11848&id_noticia=41468 acessado em 21/05/2007.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. Em: *REVISTA ESTUDOS HISTÓRICOS*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Vol 15. nº. 10, 1992. p. 201.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. Em: *REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS*. São Paulo. vol. 13 n.38. Oct– 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69091998000300010&script=sci_arttext. Acessado em 05/08/2006.

WIT, Hans. Caminho dum dia (Jonas 3,4) Jonas e memória social dos pequenos. Em: VVAA. *Profecia e esperança: um tributo a Milton Schwantes*. DREHER, Carlos A. DREHER et al (Orgs.). São Leopoldo: Oikos, 2006. p.289.

